

Poesia

Nove poemas escritos em 2004

Léa Silveira

Professora de Filosofia da UFLA
leasilveiralea@gmail.com

ÓRBITA

a volta concreta da lua funda
uma constância convalescente

a volta suposta da lua finca
olhares que perfuram, atravessam

a volta severa da lua firma
dobraduras em tempo como papel

uma saudade nova do presente
a volta que fora da lua finda

ela era-me
ictérica
terra e cera

IGNIFICAR-ME

gosto:
da discricção ser halo ou faro

na voragem com laivos de verdade,
poucos...

e não atravessá-la
e chegar atrasada, na hora dos cacos,
ou alcançar a hora, na hora do fogo,
pés em areia de praia

e lamentar ainda que sigo
e que nada vai ficar pra depois
e que tudo vai ficar do lado de fora

MAIS UMA CANÇÃO HIPOCONDRIACA
(Para não ser cantada)

Espiar,
tangenciar em carne,
esticada entre morte
e contumácia,
um horror (*calami*)
ou uma aversão
off corpse.

Anseio,
vontade de verso
inocente. Irrealizável.
Seu impossível
escancarado em toda canção.

Ilíacos em ilíadas:
De glândulas, sinto-as não minhas.
De bárbaros, desconfio inalcançáveis.
D'hemofílicos, seio nada.

ÁUSPICE

do corpo
consumado
retira a víscera imunda
e prova o que teria sido
não fora essa nuvem cinza e pesada e inocente

vítima
a quem não importava o fato
de quem suportaria o fado

dizem “não”
mas a sua força é pura
digo “não”
mas a sua língua é cura

em mim ele veria
ouropel
medo, medo, medo
e um sorriso
talvez irônico
talvez tímido

SEGUEM

Clara, em viagem decisiva e derradeira, cortando serras, planícies e mares, tem por bagagem um pêndulo e uma rosa-dos-ventos. O primeiro sempre surge irremediavelmente desajustado. E a rosa, a que se dá aos ventos, demora-se, duvidando-se, decidindo melhores cor, cheiro e textura para a ocasião. Tais as companhias de Clara, a quem resta cerrar os olhos em desespero. Latitude, longitude. Latitude? Longitude? Latitude! Longi... E nisto só lhe volta aquela mesma linha preta, horizontal, infinita e perfeita.

Perfeitamente inútil.

Estes sonhos
não trazem
lembranças,
mas uma memória da dor
sem predicados.

Que é mais corpo
que canto.

Que, se não tivesse esse rosto,
teria outro (mais hostil,
mais envelhecido?).

Como,
caminhando via grisalha,
encontrar apenas
o próprio passo
e não reconhecê-lo.
Sendo, a noite é escura demais.
(Redundância necessária.)

Estes sonhos
não chegam
de narrativas,
mas recitando
uma tensão de pedra
silenciosa e mórbida
cujo gerúndio sou eu
que falo tanto
e, no entanto,
prefiro-me assim.

Quero, de cantares antigos, longínquos,
o eco desavessado na boca de vidro,
ponto translúcido no rosto do cego.

Quero, de haveres sempre novos,
uma ilusão anã-branca
que me cale a boca ferida.

Apressa
o passo, amor,
disfarça as malas,
desfaze o pranto:
soçobrou a prece.

ORFEU INDO-SE

A terra é sem chuvas
Quando o rosto se volta,
Consome-se e refaz
O claro das paredes silentes.

Na ânsia de cada curva,
O peso dos passos se solta.
O não poder olhar para trás
É não poder olhar, somente.

VERSUS

Não morri ainda.
Essa a verdade do verso.
Procuro outras:
ciano reto constante torso.
Não ainda.
Nem saber, nem cadáver.

Tudo quanto fora antes
não resta em tua boca. Mentos.

À falta de verdade ou morte,
soprar o corpo suspenso no corte
ao arrepio.